

como por exemplo a aceitação da liberdade moral do aborto em situações de necessidade e a recusa liminar da eutanásia ou da PMA heteróloga, podem afigurar-se como discrepantes ou contraditórias, mas encontram-se bem fundamentadas nos raciocínios que expõe. De qualquer modo, não é alguém que enfileire em grupos ou escolas, o que o remete para a digna mas pouco confortável posição de isolado e não arregimentado pensador da Bioética.

Finalmente, a sua pertinaz crítica do progresso e da biotecnologia, sobretudo nas suas vertentes médico-sanitárias, não é de molde a torná-lo popular e aceite por um público mesmerizado pelos avanços da técnica e crente no seu poder redentor e salvador.

E, todavia, uma leitura serena e crítica da obra de Daniel Callahan é largamente recompensadora, para além de ser informativa e provocadora. Neste texto, tentamos ser fiéis ao filósofo e resumir, com o maior respeito possível pelo fio do seu raciocínio, as observações, teses e conclusões desta notável figura da Bioética, que aos 86 anos ataca pela primeira vez as questões da ecoética e que não desiste, apesar da ameaça dos cavaleiros¹ do apocalipse, de dedicar a sua vida “à procura do bem”.² A ele se aplica o que um seu compatriota e colega escreveu há mais de século e meio: “Ser filósofo não é apenas ter pensamentos subtis nem sequer fundar uma escola, mas apenas amar a sabedoria e viver de acordo com os seus ditames ... É resolver alguns problemas da vida, não apenas teoricamente, mas na prática”³

¹ Callahan, D. – *The five horsemen of the modern World: climate, food, water, disease and obesity*. Columbia University Press, New York, 2016

² Callahan, D. – *In search of the good: a life in Bioethics*. The MIT Press, Cambridge, Mass, London, England, 2012

³ Thoreau, H.D. – *Walden*. Princeton University Press, Princeton N.J. (1854), 1971

HISTÓRIA

O Abade de Baçal e Monsenhor José de Castro - entre ilustres nordestinos

*Henrique Manuel Pereira**

“Padres Castros ainda são mais raros do que o misterioso trevo das quatro folhas e a diocese de Bragança, as terras bragançanas, em mil e tal anos que levam de existência, ainda não viram picareta que lhe explorasse os riquíssimos filões vaticanos senão a dele.

Está, pois, a parabéns a diocese de Bragança, porque, certamente, nenhuma das de Portugal pode orgulhar-se de possuir uma história tão completa, documentada com tanta minúcia cronológica haurida na fonte original”.

Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal)

1. Sendo difícil que um homem caiba no espartilho de um livro ou mesmo de uma biblioteca, impossível é que as apertadas margens de um texto dêem conta do que foi o seu labor. E porque gostaria de evocar e prestar homenagem não apenas às personalidades que ocupam o título em epígrafe, mas, pelo menos, a duas outras a quem, desde já, dedico esta palavras – Belarmino Afonso e Hironidino Fernandes – a situação complica-se.

* Universidade Católica Portuguesa, Escola das Artes, Porto.

Francisco Manuel Alves (1865-1947), José António de Castro (1886-1966), Belarmino Augusto Afonso (1931-2005), Hirondino da Paixão Fernandes (1931-), no conjunto, e cada um a seu modo encontrou, preservou, traçou e legou sinais que tornam o tempo mais legível. A meus olhos, na escala que a cada um é devida, são gigantes aos ombros dos quais muitos fazem caminho. Dir-se-á que a imagem dos gigantes está batida como os seixos do Tuela, e é verdade, mas não encontro outra que me diga. (Também não cuido agora de apurar se a analogia é de Newton, se de João de Salisbúria, ou, como penso, se é de Bernardo de Chartre). Diante de colossos, gosto de me sentir anão agradecido e desafiado a merecer uma pequena porção do espaço dos seus ombros. Dali se vê mais e mais longe.

De Belarmino Afonso¹ guardo uma qualidade quase sacramental de unir, um desmedido sentido de promoção dos outros, uma firme determinação de servir. Cego para as intrigas e surdo para os rumores, o ardor que outros reservavam às estratégias do poder usava-o ele para apontar caminhos novos ou reavivar pistas e tradições perdidas. A ele devo o estímulo e a publicação de um artigo sobre o autor que em grande medida sentenciou muitos dos meus

¹ Augusto Belarmino Afonso nasceu a 13 de novembro de 1931 na freguesia de Castro Vicente, concelho de Mogadouro, distrito de Bragança. Ordenado sacerdote em junho de 1956, licenciou-se em História pela Universidade de Coimbra. Pároco, professor nos seminários de Bragança e Vinhais, pedagogo na área da Juventude, antropólogo, etnólogo, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Bragança, foi diretor da revista *Brigantia* (desde 1981) e do jornal diocesano *Mensageiro de Bragança* (1979/80). Durante 16 anos foi também diretor do Arquivo Distrital de Bragança. Autor de vasta bibliografia, em brochura, enciclopédias e artigos ainda dispersos, o Cônego Belarmino Afonso foi, em 2002, condecorado pelo Presidente da República, Jorge Sampaio, com a Grã Ordem do Infante, pelos seus trabalhos desenvolvidos na área da Cultura. Faleceu em 2 de dezembro de 2005. (Cf. Alberto PAIS, “Cultura e Igreja de Bragança mais pobres: faleceu o Padre Belarmino Augusto Afonso, “amante” do Céu e da Terra...” *Mensageiro de Bragança* (9 dez. 2005), p. 14). O seu legado de natureza etnográfica deu origem a um Museu com o seu nome.

dias. A este mesmo respeito, numa outra circunstância lhe prestei devida homenagem².

Não conheço Hirondino Fernandes³, mas de longe, debruçado sobre a minha mesa de trabalho, muitas vezes lhe faço vénia e lhe agradeço. Quantas horas, dias, semanas, meses, anos, décadas se entregaram à *Bibliografia do Distrito de Bragança*? Ciclópico, tenaz, tão rigoroso quanto possível, beneditino, generoso trabalho! Posso discordar de algumas opções metodológicas, mas sei que não há trabalho humano perfeito, sobretudo quando se edificam monumentos para a posteridade. Estão impressos nove volumes. A imortalidade simbólica de Hirondino Fernandes está assegurada. Não terá sido isso a movê-lo, mas que fosse. Estou-lhe imensamente grato e assim estarão quantos algum dia se embrenharam nos labirintos da bibliografia. Daquele grão se faz muito pão; daquela matéria se faz o novo, se empreendem revisões e tornam ridículos muitos jogos florais de inchada investigação.

Dito isto, tudo quanto tenho a dizer agora se resume a um obrigado. Não podem, pois, ser se não despreziosas estas palavras. Não são sequer uma aproximação. Podendo ser modesta sinalética a apontar, de longe, para gigantes mais adiantados na viagem, dar-me-ei por satisfeito, e livre da culpa de fazer perder tempo a quem me lê.

2. Agora que fixo em letra redonda as ideias que partilhei no congresso “Vida, Obra e Pensamento de Francisco Manuel Alves, Abade

² Henrique Manuel PEREIRA, *Guerra Junqueiro: Fragmentos de unidade polifónica*. Porto: Cosmorama, 2015, pp. 367-368.

³ Assim era à data em que proferi estas palavras, sendo hoje este investigador, insigne filólogo e etnógrafo dileto amigo. Além da sua vasta bibliografia e respetivo verbete na *Bibliografia do Distrito de Bragança*, sugere-se a leitura da sua mais recente entrevista: IDEM, “O homem que levantou uma montanha”. *Mensageiro de Bragança* (20 abril 2017), pp. 20-21.

de Baçal” (Bragança, Auditório Paulo Quintela, em 13 de novembro de 2015), estão volvidos sessenta e nove anos sobre a morte de Francisco Manuel Alves, o justamente célebre Abade de Baçal, e cinquenta sobre a de Mons. José de Castro, natural de Bragança, nascido na freguesia de Santa Maria, a 15 de fevereiro de 1886.

D. António José Rafael, 42.º Bispo de Bragança-Miranda, hoje emérito, por diversas vezes e circunstâncias prestou homenagem ao Pe. Francisco Manuel Alves, figura que, como declarou, “desde os meus tempos de seminarista, despertou a minha atenção, curiosidade e interesse, e que quanto mais contacto e conheço, mais admiro e mais agradeço a Deus!”⁴ Em 1985, em traços essenciais, o Abade de Baçal era, a seus olhos, “um *pastor da cultura*: um padre que humanizou a cultura e bragançanizou a pastoral”⁵. Por outras palavras, “era um humanista no mais profundo e genuíno, cristão e pastoral sentido do termo. Nele todo o saber era humano (em função do homem e para o homem) e toda a ação era pró-homem (a favor do homem, pelo homem). Por isso é que toda a sua cultura era pastoral e toda a sua ação pastoral era cultural”⁶. Por conseguinte, para o redutoramente designado “bispo da catedral”, ele “nunca pressentiu sequer qualquer incompatibilidade entre o Abade e o Sábio, nem experimentou qualquer dificuldade em juntar como irmãs gémeas a pastoreação e a investigação, a Paróquia e a Ciência”⁷. Não por acaso, propôs fosse “Baçália” o nome cultural do Nordeste; “Baçal” o ex-libris da Cultura Bragançana; e o “Abade” a presença tutelar – luz e piloto – da nossa Rota Nordestina!⁸.

⁴ D. António José RAFAEL, “A actualidade do Abade: pastor da Cultura”. *Brigantia*, n.ºs 2, 3, 4 (abril-dez. 1985), p. 605.

⁵ *Ibidem*.

⁶ *Ibidem*.

⁸ *Ibidem*.

⁸ *Ibidem*.

Para que o nome de Mons. José António de Castro não perdesse altura na erosão do tempo pugnou também o bispo José Rafael, considerando que a história eclesiástica de Bragança “divide-se em duas fases: antes e depois” do *Monsenhor de Bragança*. “Bragança deu-nos Mons. José de Castro, e Monsenhor deu-nos Bragança desde quinhentos – a fundação diocesana”. Por conseguinte, com Bragança, “do ‘tombo’ dos arquivos e do esquecimento”, devolveu-nos o Portugal ‘Romano’ e ‘Tridentino’ e ‘Lisbonense’ de Quinhentos. Devolveu-nos as Misericórdias da Rainha das Caldas; devolveu-nos sobretudo o Arcebispo ‘santo’ e ‘doutor’ – o nosso D. Fr. Bartolomeu dos Mártires”⁹.

Com efeito, a grandeza do autor de *Portugal no Concílio de Trento* transcende em muito a sua importância para a diocese de Bragança-Miranda, afirmando-se como personalidade destacada da historiografia eclesiástica portuguesa. Francisco Manuel Alves, o célebre Abade de Baçal, afirmou, em março de 1946:

“Bendita seja a hora em que o governo português se lembrou de escolher Monsenhor Castro para consultor eclesiástico da nossa embaixada em Roma, pois, sem o desinteresse pecuniário e a energia mental de tão prestante investigador, a História Portuguesa tarde ou nunca veria a solução de muitas das suas incógnitas sepultadas no Arquivo Secreto do Vaticano, agora pouco a pouco desvendadas por Monsenhor Castro nos livros — *Portugal em Roma* (dois volumes); *D. Sebastião e D. Henrique*; *O Prior do Crato*; *O Cardeal Nacional*; e *Portugal no Concílio de Trento* (quatro volumes e o quinto no prelo)”¹⁰.

⁹ “Monsenhor de Bragança”. *Mensageiro de Bragança* (6 março 1987), p. III, col. 1-2; p. IV, col. 1-2. Texto da homilia proferida na Igreja de Nossa Senhora das Graças, em 15 de fevereiro daquele ano.

¹⁰ Francisco Manuel ALVES (Abade de Baçal), “O livro de Bragança e Miranda”. *Mensageiro de Bragança* (15 março 1946), p. 1, col. 1-2.

E aditava Francisco Manuel Alves:

“A tão preciosa e hercúlea labuta vem agora juntar-se a joia *Bragança e Miranda* que, no dizer do autor, deve constar de quatro volumes. Quatro volumes! E, no entanto, tudo é grande já neste: grande o ineditismo da erudição colhida, não em livros impressos, que toda a gente pode ler, mas em códices manuscritos sepultados no pó dos arquivos, gastos do tempo e só acessíveis a especial preparação paleográfica; grande pela coragem de historiador verdadeiramente digno deste nome que diz as coisas tais quais se passaram sem preocupação de agradar, desagradar ou provocar os escândalos farisaicos dos prudentes amorfos, nem quentes nem frios, no dizer de São Paulo; grande até pelo formato, porque adotando Monsenhor Castro em suas obras o in 8.º pequeno, nesta preferiu o in 8.º grande.

Para se julgar da abundância das notícias rebuscadas em códices manuscritos, sem contar os dos arquivos bragançanos, basta lembrar que as confirma com 355 citações colhidas no Arquivo Secreto do Vaticano, adindo-lhe mais quinze documentos transcritos *ipsis verbis* no texto do livro cheios de valor máximo para conhecimento da vida social e religiosa bragançana nos séculos passados. [...]”¹¹.

Na passagem dos 50 anos sobre a morte de Mons. José de Castro e dos 130 do seu nascimento também nós nos interrogamos: “Como foi possível ignorar, por tanto tempo, tamanha figura de homem, de cidadão, de padre, de escritor, de jornalista, de historiador”¹², de conferencista e de hábil diplomata?

Vinte e um anos separavam, pelo nascimento, Francisco Manuel Alves e José António de Castro, sobrevivendo-lhe este cerca de dois decénios. De afinidades e cumplicidades entre ambos queríamos nós tratar. O valor semântico do primeiro substantivo

¹¹ *Ibidem*, p. 1, col. 1-2.

¹² Joaquim LEITE, “Um bragançano na diáspora”. *Mensageiro Notícias [Mensageiro de Bragança]* (7 ago. 2009), p. 22.

traduz conformidade, aproximação, semelhança de sentimentos e pensamentos, eventualmente sintonia; por seu turno, “cumplicidade” compreende conivência, amizade, a qualidade de quem auxilia alguém na realização de algo, por participação voluntária, sem coação ou constrangimento de qualquer ordem. Podendo a primeira palavra ser de registo relativamente frequente, a segunda, mormente no âmbito das letras e da investigação, nada tem de geral ou vulgar. Acresce que Francisco M. Alves e José A. de Castro, pertenceram ambos ao clero da diocese de Bragança-Miranda. Numa comunidade nem sempre isenta de susceptibilidades, invejas e remoques de campanário, dir-se-ia que configuram quase uma singularidade.

3. Pela imprensa da época, e não apenas na de declarados propósitos e inspiração religiosa, “constituiu um acontecimento invulgar” a conferência que Mons. José de Castro proferiu, na noite de 13 de dezembro de 1947, na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Lisboa, para evocação da figura do Padre Francisco Manuel Alves, o justamente célebre Abade de Baçal. Assinalava-se, naquela data precisa, o trigésimo dia da sua morte. Os ecos do dia seguinte reputavam as palavras de Mons. José de Castro de “trabalho definitivo e notável”¹³.

Em *A Santa e Real Casa da Misericórdia de Bragança*, monografia lançada a público, presumivelmente, em maio de 1948¹⁴, Mons. José de Castro traça a história daquela instituição desde as origens, com a Rainha D. Leonor, até finais do decénio de 1940. Ali, à laia de prefácio, entendeu por bem recolher e fixar para a

¹³ “A homenagem da Casa de Trás-os-Montes à memória do Abade de Baçal”. *Diário de Lisboa* (14 dez. 1947), p. 2, col. 1.

¹⁴ Cf. T., “‘A Santa Casa de Bragança’, por Mons. José de Castro”. *Novidades/Letras e Artes* (30 maio 1948), p. 1, col. 1-3; p. 4, col. 4-5.

posteridade as palavras que pouco antes proferira na homenagem ao Abade de Baçal, em Lisboa¹⁵. Dizer pouco antes não é força de expressão. O prefácio tem data de “Bragança, 25 de dezembro de 1947”, ou seja, tão só doze dias volvidos sobre o evento de homenagem e apenas quarenta e dois após o falecimento do homenageado.

A Santa e Real Casa da Misericórdia de Bragança foi o primeiro livro que Mons. José de Castro publicou após a morte do Abade de Baçal. Dir-se-ia ter sido isso determinante para que ali incluísse o texto da conferência que dedicou ao autor das *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Nas linhas que o antecedem, Mons. Castro afirma que o Abade de Baçal gostou que ele publicasse o livro *Associação de Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança* (1946), tendo por vezes lamentado que, “por mingua de materiais”, não pudesse também consagrar um volume à Santa Casa da Misericórdia. “Seria, dizia-lhe o Abade, um trabalho interessantíssimo, muito digno de aparecer ao lado da obra *Bragança e Miranda*”¹⁶.

À lamentação do Abade ter-se-ia associado “o desejo insistente de bragançanos ilustres”, como sejam os Drs. Francisco Martins Morgado e Francisco Moz, bem como José Furtado Montanha. Vencida a hesitação, Mons. Castro lançou-se ao “penoso e demorado estudo”, no decurso do qual o Abade, embora já “atormentado pela gravidade da sua doença”, “com muita frequência” indagava “do estado das pesquisas, das conclusões a que chegava e da arrumação dada ao assunto”. “Quero ver, dizia-lhe, como vós conseguis fazer um trabalho de reconstituição histórica apenas com relações de receita e despesa”¹⁷.

¹⁵ Pe. José de CASTRO, *A Santa Casa de Bragança*. Lisboa: [Autor], 1948, pp. [7]-34.

¹⁶ *Ibidem*, p. [7].

¹⁷ *Ibidem*.

Declara ainda o autor de *A Santa e Real Casa da Misericórdia de Bragança*:

“A amizade e admiração que sempre tive pela sua extraordinária personalidade, juntas à grande mágoa que continuo a ter pela sua morte, bem certo de que, no dia 13 de Novembro de 1947, morreu o maior bragançano de todos os tempos, levou-me a dedicar à sua queridíssima e veneranda memória este livro que, pela natureza e finalidade do assunto, terá certa utilidade e repercussão”¹⁸.

Por conseguinte, e vaticinando que o interesse pela pessoa do Abade de Baçal “subirá com o decurso dos tempos”, Mons. José de Castro declara: “parece-me bem que, no prefácio deste livro, eu deva consignar as palavras justas, merecidas e exatas, por mim proferidas na sessão de homenagem da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Lisboa, no dia 13 de Dezembro passado, trigésimo dia da sua morte”¹⁹.

Na judiciosa avaliação do bispo Manuel António Pires, este texto/conferência do Mons. José de Castro “é das coisas mais belas e perfeitas que jamais ouvi sobre a figura ímpar do Abade de Baçal. Bem merecia ser publicada e divulgada em separata.”²⁰ Também a meus olhos aquelas páginas são o mais belo e persuasivo retrato do Abade de Baçal de que até hoje dispomos. De resto, tão perentória asserção confirmou e robusteceu uma vontade antiga: a de retomar, em volume autónomo, o texto que Mons. José de Castro proferiu em Lisboa, o que, no entretanto, entre novembro de 2015 e junho de 2016, veio a acontecer²¹.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ *Ibidem*, p. 8.

²⁰ Manuel António PIRES, “Monsenhor Castro: o diplomata, o escritor e o padre”. *Brigantia*, n.º 4 (out.-dez. 1986), p. 318.

²¹ Mons. José de CASTRO, *In Memoriam: Pe. Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal*. Organização, introdução e cronologia de Henrique Manuel Pereira. Bragança: Diocese de

Naquelas palavras não encontro charlatanismo erudito, hipocrisias untuosas ou retórica de circunstância. Uma intensidade simples, fraterna (com pitadas de humor, até, servidas com parcimónia), honesta, corajosa, e convincente perpassa todo o texto. Tudo ali é substancial, revelador de íntimo conhecimento e do apreço profundo que os unia. A natural e salutar tristeza dos amigos que se despedem também ali se encontra.

4. O Abade de Baçal e Mons. José de Castro foram, desnecessário será já dizê-lo, companheiros. Alheios a competições e invejas mesquinhas, em cumplicidade, dizendo melhor, em comunhão, trabalharam e fermentaram a mesma massa, comeram literalmente o mesmo pão. O que “Monsenhor de Bragança” disse na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, em 13 de dezembro de 1947, é manifestação de coerência, pois em vida do Abade, de forma reiterada, franca e calorosa sempre a mesma admiração Mons. Castro tributou, primeiro, ao seu “querido Senhor Abade” e depois, invariavelmente, ao seu “querido amigo”. Cinjamo-nos a excertos da correspondência enviada por Monsenhor ao Abade de Baçal. De Roma, a 20 de setembro de 1941:

“Escusado é dizer-lhe que penso sempre em si e que de si falo sempre. O discípulo não pode nunca esquecer o mestre. Escrevo-lhe para lhe dar a boa nova de que terminei o livro “Portugal no Concílio de Trento”. São seis volumes. [...] o pouco que eu faço é nada diante do que o Sr. Abade tem feito e é consequência do seu grande e extraordinário exemplo”²².

Bragança-Miranda, 2016. Tal introdução é subsidiária da comunicação que apresentámos ao congresso “Vida, Obra e Pensamento de Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal”. Não se estranhará, portanto, que em diversas passagens este texto a siga de perto.

²² *Boletim do Museu do Abade de Baçal*, n.º 1 (9 abril 1998), p. 31. Agradeço ao Dr. José Manuel Neto Jacob o ter-me generosamente facultado cópia deste Boletim. A ele, de resto, se deve a leitura e fixação destas cartas do Abade de Baçal.

Também de Roma, a 11 de março 1943:

“[...] Sigo-lhe o exemplo na medida do possível, e digo-lhe, mais uma vez, que não há estátuas que cheguem para coroar de louros o seu enorme e benemérito trabalho de pesquisador. Para a história da nossa diocese já vi e catei 5 dos seus volumes [...]”²³.

Para terminar, e ainda de Roma, a 28 de abril de 1943:

“[...] O meu entusiasmo cresce pelo nosso Abade. Se é assombroso o seu trabalho de pesquisa. [Sic] É enorme a minha gratidão pelo trabalho que me fornece. Ele não merece uma estátua, mas muitas estátuas. É preciso ter necessidade de o consultar, para se avaliar bem a grandeza do seu esforço. Simplesmente admirável. Eu continuo a trabalhar muito. Quando acabarei aqui as pesquisas não sei; e ainda sei menos quando acabarei as que houver de fazer em Bragança. Quero fazer cousa que se veja, de modo a honrar a nossa terra e a principal fonte de informação que é o nosso Abade de Baçal”²⁴.

O mesmo homem, o mesmo sentir, em vida do Abade, como depois dela. Mons. José de Castro referia-se à laboriosa investigação em torno do que viria a ser *Bragança e Miranda (Bispado)*, obra que, a pedido de D. Abílio Augusto Vaz das Neves, publicou em quatro volumes, o primeiro dos quais pela primeira quinzena de fevereiro de 1946. E, escreve o Abade, apreciando-o publicamente, “se há livros sem título e títulos sem livro este deve pertencer ao grupo dos livros sem título pois à formidável avalanche de erudição inédita, criteriosamente disposta no texto da obra cabia melhor o título de História da Diocese de Bragança, que certamente por mal entendida modéstia o autor não quis dar-lhe”²⁵. Para se avaliar da

²³ *Ibidem*, p. 34.

²⁴ *Ibidem*, p. 34.

²⁵ Francisco Manuel ALVES (Abade de Baçal), “O livro de Bragança e Miranda”. *Mensageiro de Bragança* (15 março 1946), p. 1, col. 1-2.

referida comunhão a que atrás nos referimos, haveria que ler toda a apreciação de Francisco Manuel Alves, sob o título “O livro de Bragança e Miranda”, que termina deste modo: “[...] Por isso, um livro destes é indispensável na estante do clero bragançano que, para realizar a sua missão, precisa de saber donde vem para onde vai, o que anda a fazer e como há de realizá-lo, pois sem um ideal de tradições não frutificam, nem se conservam as instituições”²⁶.

O segundo dos quatro volumes de *Bragança e Miranda (Bispado)* terá vindo a público em finais de fevereiro, inícios de março de 1947. Com data de 13 de março, o Abade de Baçal dirige uma carta ao Padre José dos Santos Marcos, ao tempo tesoureiro geral da Diocese. É este o termo do documento:

[...] Dando relevo máximo a esta fecúndia historiográfica do livro, de Monsenhor Castro, está ainda a circunstância de as suas informações serem inéditas, em grande parte e colhidas nos arquivos do Vaticano, onde continuariam sepultadas e ignoradas porque padres Castros ainda são mais raros do que o misterioso trevo das quatro folhas e a diocese de Bragança, as terras bragançanas, em mil e tal anos que levam de existência, ainda não viram picareta que lhe explorasse os riquíssimos filões vaticanos senão a dele.

Está, pois, a parabéns a diocese de Bragança, porque, certamente, nenhuma das de Portugal pode orgulhar-se de possuir uma história tão completa, documentada com tanta minúcia cronológica haurida na fonte original.

Que nós os bragançanos, saibamos corresponder a tanta dedicação e apreciar o que temos”²⁷.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ Francisco Manuel ALVES (Abade de Baçal), “Bragança e Miranda (Bispado)” por Mons. José de Castro”. *Mensageiro de Bragança* (1 abril 1947), p. 1, col. 4-5. Sem valor de resgate, dada a relativa acessibilidade das fontes, as citações que fazemos serão ao menos sinalização de terrenos a que o tempo foi erodindo os marcos.

Nenhum vislumbre de sombra, lasca de inveja, mínimo receio de perder altura. Será talvez próprio dos pequenos disputarem importâncias. Os grandes reconhecem-se e admiram-se. A propósito de José de Castro como de Francisco Manuel Alves se poderia afirmar: “O escritor não diz só o que escreve; diz também o que é”²⁸.

5. Os votos do Abade de Baçal não encontraram eco ou só muito mais tarde a dedicação de Mons. José de Castro encontrou correspondência por parte dos bragançanos, e nomeadamente por parte do clero. Contudo, já em 1931, referindo-se a Mons. José de Castro, o *Boletim da Diocese de Bragança* declarava:

“A nossa diocese deve-lhe autênticos e reais serviços, não só pelo que fez em prol da beneficência da cidade de Bragança, como principalmente pelo carinhoso desvelo manifestado em favor do nosso Seminário, que justamente o conta como o primeiro dos seus atuais benfeitores.

Esta primazia conquistara-a Mons. Castro graças aos avultados subsídios, que, por si e por amigos seus, recolheu, em auxílio da importantíssima instituição diocesana; mas ainda agora a mantém, com notável relevo, sustentando generosamente à sua custa uma bolsa de estudo no Colégio Português de Roma, que é ocupada por um aluno da Diocese de Bragança.

E, como se não bastara, Mons. Castro tem trabalhado devotada e inteligentemente e com bom êxito no sentido de conseguir outras importantes vantagens para os alunos do Seminário que queiram ir completar a sua formação em Roma, junto do Santo Padre, vantagens que praticamente equivalem a outras tantas bolsas de estudo. [...]”²⁹.

²⁸ Frei JUNÍPERO [Américo Monteiro de Aguiar], “Vantagens da Gazeta”. In Henrique Manuel PEREIRA (Org.), *Padre Américo: Frei Junípero no Lume Novo*. Coimbra: Tenacitas-Alforria, 2015, p. 71.

²⁹ “Coisas várias: Monsenhor José de Castro”. *Boletim da Diocese de Bragança*, n.º 2 (fev. 1931), pp. 48-49.

E por muito tempo, de forma reiterada e constante, o autor de *Bragança e Miranda (Bispado)* foi apontado como “o primeiro dos beneméritos” do Seminário de S. José de Bragança, ocupando o topo do “quadro de Honra dos Benfeitores insigne”³⁰. No que se refere ao seu empenho e generosidade para com a causa da “Nova” Catedral de Bragança, sobejam os testemunhos, servindo de exemplo a carta que dirigiu ao Cônego Luís Ruivo, em 13 de março de 1964: “Meu caro amigo: este cheque é a 5.ª contribuição para a Nova Sé. Quero dizer que se completam hoje 25 000 escudos. / Enquanto Deus me der vida, continuarei como até aqui. Para depois, dirá o testamento.”³¹. Com efeito, por testamento cerrado e aprovado em 31 de Março de 1964, deliberou “dar para a nova Sé de Bragança a quantia de cinquenta mil escudos”. E já “no lançamento da campanha da Sé Nova” oferecera “de uma vez cinco mil escudos e de outra, a mesma quantia”³².

Que Mons. José de Castro era desprendido, confirmam-no os seus contemporâneos. Mons. Ângelo Melas testemunha que “auxiliou muito a Casa do Clero”. À diocese de Bragança-Miranda ofereceu “o produto e todos os direitos” da sua história eclesiástica³³. No

³⁰ A título de mera ilustração, ainda que grosseira, percorra-se o *Boletim da Diocese de Bragança*. Ali o encontramos com subscrições, invariavelmente, de 12.000\$00: n.º 9 (set. 1931), [p. 1]; n.º 10 (out. 1931), [p. 1]; n.º 11 (nov. 1931), [p. 1]; n.º 12 (dez. 1931), [p. 1]; n.º 1 (jan. 1932), [p. 1]; n.º 2 (fev. 1932), [p. 1]; n.º 3 (março. 1932), [p. 1]. No mesmo *Boletim*, em outubro de 1933, o vemos a contribuir com 3.000\$00 para a nova capela do seminário, etc....

³¹ Luís RUIVO, “Os grandes amores de Monsenhor José de Castro”. *Brigantia*, n.º 4 (out.-dez. 1986), p. 403; retomado em Idem, *Para conhecer melhor o grande bragançano e português de lei*. Bragança: Autor, 1996, p. 222.

³² Henrique Manuel PEREIRA (Org.), *Na nossa catedral, para sempre nos encontraremos!: D. António José Rafael e Mário Ferreira da Silva*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016, p. 19, nota 1.

³³ Cf. Belarmino AFONSO, “Monsenhor José de Castro: Uma figura a recordar no centenário do seu nascimento (1886-1986)”. *Brigantia*, n.º 4 (out.-dez. 1986), p. 306.

seu testamento determinou, além de outras: “Dar à santa Casa da Misericórdia de Bragança a quantia de trinta mil escudos, e igual quantia (para uma bolsa) ao Seminário de S. José da mesma cidade; Dar vinte mil escudos à ‘Casa do Clero’ [...]; Dar para a nova Sé de Bragança a quantia de cinquenta mil escudos”³⁴.

Além de doações, contributos e ajudas pecuniárias, muitas dificuldades “aplainou” Mons. José de Castro, designadamente em Roma. Alguns poucos lhe testemunharam a gratidão. Veja-se, por todos, o que escreve D. Custódio Alvim Pereira, que foi arcebispo de Lourenço Marques, em carta de 11 de julho de 1964: “[...] porque tenho estima e amizade por quem me ajudou no início do meu sacerdócio. Curioso é notar que, quando faço qualquer coisa de especial em favor dos seminaristas ou padres novos, lembro-me sempre de Mons. Castro”³⁵.

Em 1966, meses após o seu falecimento, em texto publicado no *Mensageiro de Bragança*, com o título “Casa do Clero e de retiros: Modesta homenagem de respeito e gratidão da direcção, para com Mons. José de Castro” pode ler-se: “[...] Foi o maior contribuinte pessoal para a construção da Nova Sé. Quanto à ‘Casa do Clero’ quer pelo dinheiro que deu em vida e depois da morte, quer por dois olivais que lhe deixou ocupa um dos primeiros lugares”. E, mais adiante, esta exclamação: “O amor que Mons. Castro tinha aos Sacerdotes da Diocese!”³⁶.

³⁴ Arquivo Diocesano de Bragança-Miranda, MJC_119Cx_3Mc_1Pt_03. Agradeço esta informação, bem como a solícita digitalização do documento à Dr.ª Sandra Vale.

³⁵ Belarmino AFONSO, “Monsenhor José de Castro: Uma figura a recordar no centenário do seu nascimento (1886-1986)”. *Brigantia*, n.º 4 (out.-dez. 1986), p. 304.

³⁶ “Casa do Clero e de Retiros: Modesta homenagem de respeito e gratidão da direcção, para com Mons. José de Castro”. *Mensageiro de Bragança* (23 dez. 1966), p. 8, col. 1-2.

Não obstante, Mons. José de Castro teve “um funeral pobre, com pouca gente”; não obstante, teve

“um centenário pobre [...]. A cidade mal se deu conta de uma placa comemorativa que se colocou na casa onde nasceu, bem como de uma sessão que se realizou no Museu Abade de Baçal. A diocese limitou-se a ações episódicas, incapaz de congregar a família sacerdotal na homenagem a um sacerdote que teve o respeito de gregos e troianos. A frieza das celebrações não tira o mérito, nem à *Obra* nem ao *Homem*. Que os vindouros sejam mais coerentes que os vivos”³⁷.

³⁷ Belarmino AFONSO, “Non omnis moriar!”. *Brigantia*, n.º 4 (out.-dez. 1986), p. 295.

ARTES E LETRAS

Aires Mateus - Arquitetura como vocação A propósito do Prémio Pessoa 2017

Ana Magalhães*
Pedro Belo Ravara**

O Prémio Pessoa é atribuído anualmente pelo Jornal Expresso e tem distinguido personalidades na área das humanidades (história e literatura, ciências sociais), na área das artes plásticas e performativas e na área das ciências. Este prémio distingue alguém que tenha tido uma intervenção relevante na sociedade portuguesa através do seu trabalho ou pensamento. Por isso o seu júri é tão variado e abrangente, quanto o seu alcance. Este ano o Prémio Pessoa distinguiu Manuel Aires Mateus, galardoando pela terceira vez um arquiteto, depois de Eduardo Souto Moura em 1998 e de João Luís Carrilho da Graça em 2008, reconhecendo o valor da arquitetura no contexto mais abrangente da cultura portuguesa contemporânea. A obra de Manuel Mateus, para quem esta distinção é ainda extensível ao seu irmão Francisco Aires Mateus bem como a todos os colaboradores de atelier, é na verdade uma linguagem da contemporaneidade, uma arte do espaço e uma ciência da construção. O Atelier Aires Mateus sente-se confortável em qual-

* Arquiteta. CITAD – Centro de Investigação – Território, Arquitetura e Design / Universidade Lusíada (UL). Professora na ULL.

** Arquitecto e Professor na FAUL.